

ARTES ESPECTÁCULO

EXPOSIÇÕES

RENÉ LÚCIO
UM AMIGO

Dentro de dias expõe em Coimbra. Depois: Viagem a Caldas da Rainha, Barcelos e Estremoz para estagiar três semanas nas oficinas de cerâmica e contactar com os artistas de loiça popular a fim de estudar os seus processos de trabalho.

A seguir, é provável que efectue uma viagem aos Países Baixos. No regresso: tenciona visi-

VEIO A PORTUGAL
PARA SE APERFEIÇOAR
NA TÉCNICA DE GRAVURA

■ Por sua iniciativa a arte popular portuguesa estará representada numa galeria a abrir no Rio de Janeiro

tar o Ultramar para ali colher mais elementos sobre a etnografia portuguesa.

Debaixo do braço as suas mais recentes obras

Entra-nos na redacção com um sorriso nos lábios e algo hesitante. Debaixo do braço um volume de grandes dimensões; são algumas das suas mais recentes obras.

Está de novo em Lisboa. Em Madrid, para onde se dirigiu em Abril, ali permanecendo até Junho, como bolseiro do Instituto de Cultura Hispânica, teve um acidente de viação que não lhe permitiu a actividade que ambicionava.

Sente-se satisfeito por regressar a Lisboa. Tem algo para contar-nos. Mas, comecemos pelo princípio. Ouçamos o próprio René Benjamin Lúcio dizer-nos quem é:

Começou por copiar o mundo que o rodeava

● Nasci no Rio de Janeiro, em 1946. Desde criança, sempre gostei de brincar com folhagens e plantas. Por isso, sempre que podiam, meus pais levavam-me para Nova Friburgo, nas montanhas. Comecei a copiar e desenhar o mundo a meu redor. Passeando, descobria insectos, casulos, plantas exóticas, cascatas, rios, caminhos que trilhava só ou com companheiros de infância.

● Meus pais eram hábeis em pequenos trabalhos artísticos e realizavam-nos junto a mim, iniciando-me naturalmente no uso dos lápis de cor. Mais tarde, procurei fazer maquetas de casas, com galhos, pedras, musgos, caixas de fósforos, tudo. Foi neste mesmo ambiente que fiz meus primeiros estudos, num colégio local, tendo sempre todos os fins de semana para conviver com meus pais.

Discípulo de Ivan Serpa

● Em fins de 1960 voltei ao Rio de Janeiro e frequentei o atelier livre do Museu de Arte Moderna. O Prof. Ivan Serpa, antigo discípulo de Arel Leskoshevsky, deu-me uma formação muito especial: desenhávamos e no fim da sessão as críticas e comparações de Serpa eram detalhadas e individuais.

Nas férias fui para Nova Friburgo de novo, para uma longa meditação e lá me deixei ficar uns quatro meses.

Cheio de saudade, comprava papel para desenhar. Contemplei a vida da roça, o boi, o cavalo, a plantação; colinas ao alto e lá em baixo, eucaliptos, capinzais. Desenhei os rios que tanto amo, criando a partir dos estranhos animaizinhos e insectos que habitavam nos jardins de meu estudo.

É em 1960 que começa a dedicar-se à xilogravura

Sob a direcção do Prof. Ivan Serpa, René Lúcio fez a aprendizagem da xilogravura. Em 1960 expõe no Instituto Brasileiro nos Estados Unidos e, ano após ano, não perde o contacto com o público.

Em Janeiro do ano corrente chega a Lisboa e bolseiro da Gulbenkian estuda gravura na Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses.

Expôs na Galeria Nacional de Arte obtendo assinalável sucesso de crítica e de vendas.

Mas René Lúcio para além da técnica de gravura que aperfeiçoara em Portugal, aprendeu a tal palavra «saudade» e a querer com especial carinho os temas portugueses.

Esteve no Algarve e veio de lá

apaixonado pela paisagem, pelas amendoeiras em flor e pelas praias...

Em Sagres tocou o sino da igreja onde os navegadores ajoelhavam-se de partir.

Viu moinhos e ficou preso ao seu encanto: quando tiver suficiente dinheiro compra um e vai viver nele.

Quer divulgar no Brasil os temas portugueses

René veio para aperfeiçoar-se na técnica da gravura.

Agora tem outra ambição: divulgar no Brasil os temas portugueses, sobretudo aqueles que quase são desconhecidos naquele país.

Os bonecos de Estremoz, de Barcelos e, também, os de Cabo Verde, como de outras parcelas portuguesas, em breve estarão no Brasil, expostos numa galeria que René Lúcio vai abrir no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

A terminar, diz-nos:

Vou tentar contribuir para tornar conhecida no Brasil a arte portuguesa, utilizando para tal uma sala de exposições. Para lá eu levar arte popular, gravura e pintura.

Se puder farei mais: aos domingos à noite será irradiada música clássica e contemporânea portuguesa.

instituto de arte contemporânea